

**Apontamentos da Escola de comunidade com Julián Carrón  
Milão, 10 Fevereiro 2010**

*Texto de referência: L. Giussani, É possível viver assim?, Vol. 3. Tenacitas, pp. 15 a 28.*

- Canto “I Wonder”
- Canto “Ballata dell’amore vero”

“Enche-me de espanto o facto de que Jesus tenha vindo morrer pela pobre gente faminta como eu e como tu”. Este canto com que começámos nasce deste espanto de uma pessoa que se dá conta de que alguém teve compaixão do seu nada. É isto que nós devemos pedir todos os dias quando fazemos a Escola de comunidade: participar no espanto deste canto. Se nós não participarmos neste espanto, não percebemos o que diz a Escola de comunidade.

*Eu, lendo o capítulo sobre a caridade, dei-me conta de que este amor aconteceu-me e é uma coisa que continua a existir. Aquilo que me pergunto é o seguinte: como é que na vida pode acontecer que outros amores pareçam mais reais? Na última vez quando introduziste a caridade, disseste que para falar da caridade deveríamos estar conscientes da nossa necessidade; então, a primeira coisa que me vem à mente é que parece mais real um outro amor, porque já não sabes quem és, do que é que precisas realmente. Porém, a outra coisa que pensava é também que se calhar não percebemos exactamente o que é que nos acontece quando nos acontece, que além do mais é uma coisa que vem na página 17: “Uma outra coisa é que, a partir do momento do encontro, a coisa que a razão mais deseja ser capaz de perceber é precisamente aquela coisa ali”.*

Agradeço-te porque isto ajuda-nos a entrar neste capítulo. Quando apresentei este terceiro volume na Irlanda e na América – o texto vocês podem encontrá-lo na Tracce de Fevereiro -, parti de uma frase que o Papa dia em *Deus caritas est*: “O amor de Deus por nós é questão fundamental para a vida e coloca-nos perguntas decisivas sobre quem é Deus e sobre quem somos nós”. Impressionou-me o facto de que para falar da caridade o Papa tenha ido buscar as duas questões às quais se deve dar resposta: quem é Deus e quem somos nós (da última vez, esta questão já tinha vindo ao de cima com clareza, porque quando o nosso amigo tinha procurado ajudar o seu pai tinha tido imediatamente o impacto da necessidade que tinha, já não aguentava mais a situação; então, só se nós nos dermos conta da necessidade, é que podemos perceber realmente o que é esta caridade). Para exprimir de outro modo esta necessidade, de repente dei comigo com esta poesia de Mario Luzi nas mãos: “Esta necessidade é necessidade de quê, / coração, / que de repente estás cheio dela? / de quê? / Arrombada a represa / inunda-te e afoga-te / a cheia da tua indigência... / Vem, / talvez vem, / de além de ti / um apelo / que agora não ouves porque agonizas. / Mas existe, a força e o canto protegem-no / a música perpétua há-de regressar / fica tranquilo”. Se nós procuramos identificarmo-nos com estas expressões de Luzi – e podemos fazê-lo porque todos intuímos em determinados momentos da vida que género de necessidade é que nos constitui -, se esta consciência estiver constantemente presente em nós, então podemos realmente perceber o que é a caridade do Mistério connosco; e podemos perceber o que nos aconteceu no encontro cristão, quando nos cruzamos com determinada pessoa pelo caminho: percebemos uma resposta absolutamente ilimitada a esta necessidade. Como é que, depois, se confunde este amor com outros amores? Podemos confundi-lo com outros amores apenas por um motivo: porque nos esquecemos de que necessidade é esta necessidade. Se nós reduzirmos a nossa necessidade, se nós não tomarmos consciência dela até às últimas consequências, então parece-nos que qualquer coisa nos corresponde. E isto, amigos, é um perigo que está sempre à espreita. Escreve-me uma pessoa: “Parece-me existir uma contradição entre aquilo que se diz (ou seja, que a Igreja é o lugar onde experimentamos com toda a sua força o abraço de Cristo agora) e a minha necessidade eternamente insatisfeita. Tudo é pouco, ínfimo, para a capacidade da alma, dirá Leopardi. Porquê esta maldita necessidade de um abraço carnal e

físico? Fui feita com um erro de fabrico eu? Ou é realmente sinal da minha grandeza? Porque então me assalta tanto sofrimento? Não sabes que alegria é ler o que dizes nos Exercícios do Clu: “Como gostaria de vos abraçar um a um para vos poder comunicar esta comoção com que o Mistério nos olha”. Se calhar recebo este abraço [diz “se calhar”], mas não na modalidade que imagino eu [ou seja, logo a seguir uma pessoa deixa decair esta necessidade e redu-la à modalidade que lhe passa pela cabeça]. Gostaria que todos, não apenas um ou outro, quisessem estar comigo porque assim – julgo – sentir-me-ia confirmada pelo facto de que estou bem assim, preciso de vê-lo escrito em letras grandes; “Tu estás bem assim”, mas quantas vezes nos disse D. Giussani, porque é que preciso de confirmações? É apenas sinal da minha doença ou é o ponto de vista que deve mudar? Queria que um dia me acontecesse como a Zaqueu, e que alguém que me olha assim dissesse: “Hoje quero ficar em tua casa”. Peço que me ajudes a perceber e que me corrijas”. Mas o que aconteceu a Zaqueu não nos aconteceu a nós também? Não é disso que falava a primeira intervenção? Quantas vezes nos aconteceu? E como é que nós sabemos que isto existe, senão pelo facto de que nos aconteceu? Não precisas de confirmações adicionais; existe, precisamos de nos abrir àquilo que vivemos, que vimos, que reconhecemos. Porque eu posso encontrar uma pessoa e dizer: “Esta, esta existe”, mas isso não me poupa o drama, o drama de ter de a reconhecer amanhã e depois de amanhã; e eu não quero que me seja poupado. Isto quer dizer que sempre – uma vez que O conheci – a vida é dramática porque posso ou não reconhecê-Lo, não porque não exista: existe, porque de outro modo não teria tido esta experiência. Aquilo que encontrei existe, existe. Porque é o factor que corresponde às exigências do coração. Mas eu não posso enfiá-lo no bolso: tenho de O reconhecer todos os dias. Desculpem, mas os discípulos não precisaram de O reconhecer continuamente? Por acaso era-lhes poupada esta experiência? Por acaso, é-vos poupada em relação à pessoa que vocês amam e que está ali presente por inteiro? Então é como se toda a minha necessidade fosse constantemente posta em causa; e se eu a reduzo, não posso perceber o que é Cristo e não fico espantado com aquilo de que ela é necessidade: “a caridade de Deus pelo homem é uma comoção, é um dom de si”, mas Giussani não pode deixar de dizer logo a seguir: “Mas que é o homem para que Te lembres dele?”; para perceber até ao fim esta frase, esta ternura do Mistério, é preciso ter imediatamente o impacto: “Mas que é o homem para que Te lembres dele?”. Não há contradição, mas é um diálogo – como diz na página 17 -: “Está na experiência, porque se ouve e, se é seguido, produz efeito, muda as coisas, mas sobretudo dialoga imperiosamente com o coração e responde a uma, a outra e a outra exigência: as exigências constitutivas do nosso ser”. O oposto daquele automatismo a que nós gostaríamos de reduzir a vida! Em vez disso: um apaixonante diálogo entre a minha necessidade constante e uma presença constante, se não fosse assim, seria o tédio infinito, não me interessaria.

*Até há algum tempo atrás pensava assim: “Como é que o Carrón faz para ser assim? Quem me dera ser como ele!”; agora é diferente, eu quero fazer a mesma experiência que tu e ponho-me a trabalhar para esse efeito, pelo que a gratidão não é um sentimento bom, mas uma coisa física que me tomou e não me dá tréguas. Dou-te dois exemplos. Comecei a andar de metro e também aos lugares onde costumo ir, com o livrinho dos Exercícios do Clu (a ponto de os meus colegas perguntarem se era o novo caderno de apontamentos, porque depois as pessoas reparam); e numa bela manhã dois rapazes que estavam ao pé de mim dizem: “Que dia tão horrível, se eu soubesse tinha-me voltado para o outro lado e continuava a dormir”. Eu estava a ler o ponto onde dizes que para ajuizar a realidade partimos sempre de outras circunstâncias, não do acontecimento que nos aconteceu (e por causa disso vamos buscar os critérios a outro lado). E aqueles rapazes dizem; “Que dia tão horrível”...*

Também nós diríamos assim, se não nos tivesse...

*De facto eu estava naquele atropelo de lhes querer dizer aquilo que tu tinhas dito na Escola de comunidade e no momento, desgraçadamente, a única coisa que fui capaz de responder foi: “Claro que se pensarmos nas pessoas do Haiti não podemos mesmo dizer assim”, mas não era*

*para ralar com eles, era para dizer que a realidade é maior. Eram apenas duas paragens de metro, pelo que não conseguia dizer assim muita coisa, não estava contente com esta primeira resposta porque podia ser moralista, e então olhei para eles, sorrindo, e disse-lhes: “De qualquer maneira, bom dia, que seja um bom dia”. Pensei: “vais ver que te mandam àquela parte e te dizem: “Não seria melhor se te metesses na tua vida...”. Pelo contrário, olharam para mim e disseram-me: “Bom dia também para vós”, disse para comigo: “Estes rapazes tratam-me por “vós”, e não me sinto assim tão velha”, mas pareceu-me que eles viram que eu estava a ler, é como se tivessem percebido uma experiência de comunhão, não sei se me consigo explicar bem. Segundo exemplo: há uns dias de regresso do fim de semana, tropeço no computador do meu marido e espatifo o computador: ele é jornalista, e portanto podem imaginar o desastre: discussão monumental, troca de palavras muito azeda. Fiquei a pensar: “Olha, para além do computador acho que dei cabo, mas é, da relação com o meu marido”. Na Escola de comunidade tinha intervindo um rapaz que tinha falado sobre a zanga com a mulher: a mesma dinâmica: acordamos, não nos falamos; eu todo o dia a seguir estava no escritório e pensava: “Mas aquele senhor onde foi buscar energia para enviar o famoso sms?”. Porque ele tinha dito: “Porque vi os amigos”, mas não era suficiente para mim, porque eu estava no escritório, diante do computador e os amigos não estavam ali e eu queria aquela mesma energia afectiva que não negava o humano – parecia-me que tinham sido palavras azedas e as palavras têm um certo peso -, mas no entanto eu negava que esta circunstância da zanga com o meu marido fosse uma sepultura. Se fosse há um mês atrás teria sido assim, mas eu, pensando na intervenção do rapaz e na tua resposta, decidi: “Quero que também a mim venha esta energia que retoma esta relação, que permite que eu seja perdoada e que ele também”. A única coisa que fui capaz de fazer foi mendigar Cristo, todo o dia em frente ao computador, que Ele viesse, De noite voltei a casa e contente falei ao meu marido: e isto para mim é impensável, mais ainda do que engatar um discurso com os rapazes do metro. E – isto digo-te timidamente porque é mesmo uma coisa que está muito no princípio – começo a intuir como na relação com o meu marido a coisa interessante é a diversidade do rosto de Cristo que está a manifestar-se, quando eu passei anos a achar que a coisa fantástica era a satisfação recíproca, a sintonia recíproca, o estarmos bem juntos, a tarefa a realizar, o ter a filha; e agora começo a descobrir uma alteridade dentro daquele homem que é o rosto de Cristo. E isto não o teria descoberto sem esta mendicância e este passo. E para concluir, em relação há dois anos atrás posso-te dizer que o segundo filho tão desejado não veio, mas eu estou contente; as circunstâncias às quais atribuía a felicidade não aconteceram e eu só me vejo comovida, comovida até mais não.*

Esta é a questão: que o Mistério, se nós Lhe dermos um mínimo de espaço, cumpre o nosso desejo à grande e à francesa, muito mais que as nossas expectativas (mesmo quando não coincide com a forma que nós imaginávamos). Antes de fazer um movimento em relação ao outro, uma pessoa encontra em si algo que permanece como olhar, tanto que o traz consigo, como sentimento de si, como modo de viver o real, como modo de estar no metro, como modo de enfrentar o dia. Ainda não fizeste nada, mas a vida já está investida, constituída por esta Presença, por este olhar. Impressionou-me reler, na nota da página 15 o bellissimo texto do *Miguel Mañara*, porque descreve muito bem o que é isto: “Sim, Jerónima, dizeis a verdade, já não sou como era. Vejo melhor: e contudo não era cego; mas era, se calhar, a luz que faltava, porque a luz externa é coisa pouca, não é ela que ilumina a vida. Vós acendestes uma lâmpada no meu oração, e eis-me como o enfermo que adormece nas trevas com as brasas da febre sobre a fronte e o gelo do abandono no coração, que logo acorda em sobressalto num belo quarto em que todas as coisas estão imersas na música discreta da luz; e eis que o amigo chorava desde há muitos anos, o amigo regressado das terras para além do oceano é que lhe sorri com os olhos mais calmos, mais sábios de outros tempos, e está lá toda a família, os velhinhos de cabeça cândida e os meninos vestidos de uma claridade de trigo maduro, e está lá o velho grande cão com os seus olhos redondos cheios de uma terna gargalhada, e as

fauces abertas e cheias de rumores de alegria para fazer festa ao homem salvo do dilúvio das trevas! Vede só em que lugar de paz convertestes o meu coração, Jerónima. Graças, infinitas graças vos sejam dadas, Jerónima!” É uma Presença que ilumina a vida, que começa a tornar-se minha, a tornar-se nossa: “Acendestes uma lâmpada no meu coração”. A presença de Jerónima acendeu uma lâmpada no coração de Miguel Mañara; uma presença que não permanece fora de nós, mas que começa a preencher o coração e a despertar cada passo da vida – depois uma pessoa será capaz de qualquer tentativa irónica, mas isso é secundário, se não for hoje, será amanhã ou depois de amanhã – começo já a ter uma experiência real desta caridade desmedida do Mistério e começo a ficar grato. Porque uma pessoa pode dar cabo do computador, mas isto, que antes teria sido um desastre, já não é uma sepultura. Ainda não fizemos nada de caridade em relação aos outros, mas havemos de lá chegar. A primeira coisa é participar deste olhar, de outro modo não podemos dar resposta à necessidade de que fala o Luzi e sem lhe dar resposta o nosso ponto de partida não é um pleno, e então estamos dependentes de como corre o dia, do computador, de todas as outras coisas.

*Quería fazer-te uma pergunta. Conto dois factos como premissa. Uma aluna minha veio contar-me que os pais tinham discutido, o pai dela foi dormir para o sofá e na manhã seguinte, enquanto a levava à escola desatou a chorar porque não se sentia amado. Eu ao principio disse-lhe: «Mas nisso que te diz, ele exprime uma necessidade, exprime um pedido, abraça-o mais vezes, dá-lhe um presente», mas passado um bocado era evidente para mim e para ela que o desejo de ser amado é de tal forma infinito que não é este tipo de estratégia que resolve a coisa. Segundo facto. Fui ao curso de preparação para o matrimónio da paróquia, até contente por fazê-lo; o padre começa com uma série de conselhos: «saíam juntos de quinze em quinze dias, de vez em quando dêem as mãos; recomendo-vos, se querem conquistar a vossa mulher, devem espantá-la todos os dias»...assim o tempo todo! Espantou-me mesmo que o grande ausente fosse Jesus, e por outro lado, esta série de receitas não me convencia nem um bocadinho e seria uma ilusão. Então a pergunta é a seguinte: como é que D. Giussani, conhecendo a desproporção que existe entre o meu desejo de ser amada e de amar (sobretudo neste momento) e a nossa incapacidade, insiste em dizer-nos que devemos imitar a caridade de Cristo?*

Agradeço-te porque, ou aquilo que D. Giussani diz são palavras lançadas ao vento que não têm verdadeiramente consistência (e já sabemos a resposta antecipadamente: é inútil, é impossível, dada esta desproporção, dada esta nossa incapacidade), ou pode ser uma experiência real. E só pode sê-lo se nós seguimos o que diz D. Giussani; porque para poder chegar ao que tu perguntas, é preciso fazer a primeira parte, e isto é fundamental do ponto de vista metodológico. Porque senão tu já te deslocaste, como se não tivesse havido toda a primeira parte da caridade, e isto é a coisa normal, que fazemos sempre – a primeira coisa que nos vem à cabeça, quando pensamos na caridade, é a caridade que eu devo fazer aos outros, e como eu sou desproporcionado e incapaz, então não consigo. Em que é que o D. Giussani nos corrige? D. Giussani corrige-nos como nos corrige toda a Bíblia: a iniciativa foi do Mistério, quando Deus, vendo o povo de Israel no Egito, viu o sofrimento do Seu povo, comoveu-se e veio ajudar-nos. Tudo nasceu desta piedade de Deus com o povo de Israel, desde o início. E todo o Novo Testamento sublinha o “antes”: o problema não é que nós sejamos capazes de amar Deus – não somos, qual é a novidade? – é que Deus nos amou antes! A verdadeira novidade, aquilo que espantou toda gente, tanto que o sublinham continuamente, desde S. Paulo a S. João, é este “antes”. Diz João: «Nisto consiste o Seu amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele que nos amou e enviou o Seu Filho como propiciação pelos nossos pecados.» (1 Jo 4,10). E mais à frente diz: «Nós amamo-Lo porque Ele nos amou primeiro.» (1 Jo 4,19). Mas nós normalmente saltamos por cima disto, não estando conscientes daquilo que tu disseste; por isso é inútil que nós esqueçamos todo o nosso drama, toda a nossa desproporção, toda a nossa incapacidade para falar da caridade, como se se tratasse de mudar de palavra de ordem; e esquecemo-nos de todo o caminho feito, esquecemo-nos

daquilo que nós somos e falamos da caridade com a mesma mentalidade de todos, como um moralismo, uma coisa que posso fazer sem receber. D. Giussani corrige-nos desde o primeiro momento, porque toda a insistência, tudo o que ele sublinha é mesmo outra coisa. O ponto de partida para perceber o que é a caridade não é o que eu penso sobre a caridade, como me movo eu em direção ao outro, que incapacidade sinto, não! «A caridade (...) indica o conteúdo mais profundo, descobre a intimidade, descobre o coração daquela Presença que a fé reconhece». Para perceber a caridade, agora, não nos podemos esquecer de tudo o que ele nos disse. A nós interessa-nos trabalhar sobre a caridade, não porque agora devamos perceber o que é a caridade: a nós interessa-nos ir até ao fundo daquela Presença que nos fascinou, porque se há alguma coisa de novo na nossa vida, é o encontro com uma Presença excepcional, da qual queremos descobrir o coração mais íntimo. Então, para perceber a caridade, não devemos pensar antes de mais em nós (ou em qualquer outro tão inconsistente como nós) e depois lamentarmo-nos que somos tão inconsistentes, mas é preciso partir daquela Presença, porque é só olhando-A que nós lhe descobrimos a intimidade. E isto é uma mudança de método decisiva, porque senão falamos da caridade segundo a mentalidade de todos, reduzida a moralismo, e depois lamentamo-nos que não somos capazes. Então o que é que isto nos diz como método? «Vamos agora começar a dar os passos necessários para perceber alguma coisa, lentamente. Depois hã-de retomá-los em casa [ou no metropolitano...], se bem que estas coisas entrem em nós mais por osmose, mais por uma espécie de pressão osmótica, do que pela banalidade de uma suposta análise clarificadora [que não serve para nada]; entram em nós se olhamos para o Mistério de Cristo, como João e André, que o viam falar e não o interrompiam.» Podemos perceber o que é a caridade olhando aquela Presença, dando tempo àquela Presença, convivendo com aquela Presença, para que entre em nós um conhecimento experimentável, tocável, palpável do que é que é a intimidade daquela Presença que eu reconheci, daquela Presença que me impressionou até medula; porque eu devo perceber porque é que me impressionou assim! Só se eu dou espaço e tempo à Presença para que venha ao de cima o modo com o qual se manifesta (como fala, como olha, como age, como ajuíza, como se relaciona com a realidade), então poderei perceber o que é a caridade. Se nós saltamos esta passagem, interrompemos o percurso, o método através do qual D. Giussani – ele primeiro, seguindo lealmente – nos introduz ao Mistério como caridade. Não nos faz uma lição sobre a caridade, mas introduz-nos através de uma Presença que nos permite perceber o que é a caridade. Se nós saltamos por cima disto, depois encontramos-nos diante de questões para as quais não temos possibilidade de resposta, porque aquilo que tu dizes é absolutamente verdade, mas para apreender toda a estatura da resposta tu deves aceitar ser introduzida à caridade como fez o Mistério. Giussani é o mais leal, e por isso ensina-nos o método, não porque ele seja mais capaz, mas porque é mais leal, mais simples, está mais diante de como o real acontece: não aprende uma coisa que está separada da Presença que ele reconheceu; e nisto dá-nos uma ajuda, porque, quando nós separamos, não sabemos dar uma resposta às perguntas. Pelo contrário, olhando juntos a Escola de comunidade, reconduz-nos à estrada, e assim, devagarinho, poderemos ver como vem ao de cima a resposta no percurso que nos leva a fazer.

*Da outra vez falaste da diferença entre o eros (amor que falta) e ágape (amor superabundante), e dizias que este último nasce da superabundância que a Trindade vive em si e quer partilhar com o ser humano. Aquilo que estou a começar a compreender, também graças à comparação cerrada com a Escola de Comunidade, que nos tens feito fazer, é que esta superabundância não é estarmos cheios de coisas, dinheiro, sucesso, etc...*

Porque é que não? Vês, sem te dares conta, já te separaste, porque D. Giussani não está a falar da superabundância de ti, está a falar da superabundância da caridade do Mistério! Desculpa, interrompi-te para nos ajudar a todos, porque nós, sem nos darmos conta, deslocamo-nos, é quase automático, mas nem nos damos conta, percebes? Não é a superabundância em ti de outras coisas, não, é a superabundância do Mistério, a palavra

ágape é a tentativa de exprimir (com uma palavra diferente da necessidade associada ao eros) não a nossa, mas a superabundância do Mistério.

*Então intuo o motivo pelo qual D. Giussani fala da distração como uma traição, na página 21, quando diz: «Quando é que pensámos n'Ele seriamente, com o coração, no último mês, nos últimos três meses, desde Outubro até agora? Nunca. Nunca pensámos n'Ele como João e André pensavam, ao vê-lo falar». Intuo que, paradoxalmente, somos mais capazes de gratuidade quando temos consciência do próprio nada, de sermos necessitados, porque ali há mais possibilidade que um Outro irrompa na nossa vida. Agora coloco-te a questão que me parece que é uma confusão que eu tenho na cabeça. Neste período foi-me concedido fazer experiência daquilo que tu defines como contemporaneidade de Cristo e de que falaste também antes, mas parece-me que não é óbvio, nem automático que, se uma pessoa faz experiência da contemporaneidade de Cristo, dispare a experiência da superabundância, tanto assim que em algumas relações, até nas mais significativas, me acontece experimentar até mais a percepção desta falta de que falávamos antes. Mas não é a experiência da superabundância que me deveria fazer dizer: «Sem que Cristo seja uma presença agora, eu não posso amar-me agora e não te posso amar a ti agora»? Será que isto significa que nestes factos ou pessoas não aconteceu realmente ou não fiz realmente experiência da contemporaneidade de Cristo?*

Sou eu que devo dizer-te quando é que fazes experiência da contemporaneidade de Cristo? Ou podes tu reconhecer quando a fazes?

*Como dizias antes, uma pessoa reconhece que faz esta experiência pelo facto de se olhar com esse amor, coisa que não acontece automaticamente...*

Por isso, agora esquece-te de quando não a fazes. Parte, pelo contrário, das vezes em que fazes esta experiência, porque este é que é o método. Também os discípulos podiam dizer, como tu: “Não fazemos experiência tantas vezes”. Mas a questão é que quando se encontravam com Ele e O ouviam falar, O viam olhar de um certo modo e se sentiam olhados assim, faziam esta experiência. Depois, um instante depois, discutiam entre eles (o Evangelho não tem vergonha em pôr em evidência como eles decaíam um instante depois) e queriam saber quem era o primeiro, etc.; podemos fazer um elenco enorme, mas a verdade é que nessa situação, em que eles viviam toda a sua fragilidade, toda a sua inconsistência, toda a sua incapacidade, irrompia constantemente e fazia-se contemporâneo de novo o olhar de Cristo, que pouco a pouco prevalecia. Não quer dizer que em todas as circunstâncias das suas vidas sucedesse isto, mas quando acontecia podiam reconhecê-Lo por causa disto. Quando é que agora tu podes reconhecer que Cristo é contemporâneo? Não é quando tu o decides, ou quando tens a ideia que vais fazer isto ou aquilo, não: é quando ficas de novo espantada porque encontras alguém que te perdoa ou que te olha como nunca te sentiste olhada ou quando sentes uma alegria, uma plenitude, uma superabundância que não podes ser tu a dar a ti própria. Então, nessa altura, deves ir ao fundo dessa experiência: «A fé é obrigada a reconhecê-lo. Porque é que somos obrigados a reconhecê-lo [como contemporâneo]? Obrigados quer dizer que não seríamos razoáveis se não o reconhecêssemos. Porquê? Porque a razão é a consciência da realidade segundo a totalidade dos seus factores. Estamos diante do factor que corresponde às exigências do nosso coração – aliás, que as puxa para cima, como um homem que se põe em bicos de pés para ver uma coisa que de outro modo não veria ou que ainda não vê, estica o pescoço e ainda não vê, mas a coisa está lá, tanto que se ouve a voz – e é inexplicável, ou seja, não é dedutível a partir daquilo que o homem experimenta [mas existe, tu podes reconhecer através daquela experiência que existe]. Acontece na experiência, porque se pode ouvir e, em seguida, produz efeito, muda as coisas [é a diferença entre qualquer tipo de intimismo, qualquer tipo de espiritualismo que não muda nada e a documentação de que “existe, se opera”], mas sobretudo dialoga imperiosamente com o coração e responde a uma, a outra e a outra exigência, às exigências constitutivas do nosso ânimo. Não se consegue perceber nem como nem quando, mas está ali a sua fisionomia

excepcional, a sua Presença excepcional; se não O reconhecesse presente porque não O percebo, porque não percebo como faz para estar presente, iria contra a razão. Porque a razão diz “está” ou “não está” [é um juízo]. Dizer “está”, e acrescentar “não sei explicar”, deixa a razão perfeitamente e honradamente coerente consigo própria». Reconheço que existe, mas que não o posso agarrar. Mas tu como podes saber que Cristo está presente, ainda que não o possas explicar?

*Porque faço experiência disso.*

Porque fazes experiência, através do efeito que provoca em ti. E isto não sou eu que to devo dizer, sabes muito bem quando és olhada de um certo modo, quando se introduz em ti uma Presença que te faz respirar, quando alguma coisa corresponde às tuas exigências (tal como sabes quando uma pessoa te trata injustamente e isso não te corresponde, vêm ao de cima todas as tuas exigências e tu zangas-te com o outro). Não é que não ajuizas, tu ajuizas tanto num caso como noutro, quando corresponde e quando não corresponde, nós estamos constantemente a ajuizar e portanto é daqui que a razão parte, e que nasce depois – diz D. Giussani – o irresistível desejo de ir até ao fim, até à Presença que se reconhece. Mas a contemporaneidade de Cristo não é diversa desta superabundância, deste olhar novo, desta ternura que sentes sobre ti, deste perdão. Porque é que é Cristo? Porque corresponde, porque tu isto não o podes explicar, se não introduzes o traço inconfundível da Sua Presença tal como o Evangelho o documenta; encontras hoje, no presente, o mesmo olhar, a mesma plenitude, a mesma superabundância que os Evangelhos documentam. Isto é a sua contemporaneidade, não é o meu bom comportamento. Depois, na familiaridade com esta Presença, convivendo com esta Presença, a Sua caridade começa a entrar dentro de nós, a encher-nos; e tu, pouco a pouco, relacionas-te com o real com uma novidade que não imaginavas antes, como dizíamos em relação à pobreza: estás feliz, és livre, não te falta nada. Mas isto é o efeito; e nós não devemos preocupar-nos antes de mais com o efeito, porque se seguimos, ele acontecerá. Nós pensamos que já sabemos que caminho podemos fazer com as nossas tentativas, em vez de seguir. Por isso é que diz, ainda na página 17: «Mas a razão percebe que nem sequer consegue explicar como possa acontecer, tem simplesmente de seguir». Está tudo aqui; se nós tivermos esta lealdade com todas as nossas perguntas, pega-nos na mão e leva-nos, basta ter a simplicidade de seguir. Basta. Portanto tentemos seguir com simplicidade, tentemos experimentar esta osmose que entra em nós ao olharmos o mistério de Cristo, como João e André; o texto está cheio destas passagens do Evangelho através das quais D. Giussani nos coloca diante daquela Presença, para que o Seu coração possa tornar-se cada vez mais nosso. Por isso da próxima vez ficamos nas mesmas páginas, apoiando-as com a leitura da *Página Um* da *Tracce* de Fevereiro: é necessária uma familiaridade, uma convivência com o texto para sermos ajudados, guiados quase pela mão, a fim de que se torne nosso. A mudança de método leva-nos à confusão.

A inscrição na Escola de Comunidade é um sinal de participação no movimento. É um pequeno gesto educativo através do qual queremos exprimir a vontade de levar a sério este trabalho. Ajuizámos que não podemos fazer os nossos gestos de modo automático, mas é necessário tomar consciência da motivação pela qual fazemos as coisas. Isto não pretende ser uma chamada de atenção organizativa, mas sim educativa; de facto, como é que se vê que alguma coisa muda na vida? Porque começamos a participar num gesto que não termina com a reunião, mas começa a tornar-se nosso e chega até ao ponto de nos fazer pegar no texto (por exemplo, no metro, como já aconteceu). A inscrição na Escola de Comunidade é sinal de que alguma coisa daquilo que fazemos deixa rasto. Não nos interessa a inscrição entendida em sentido mecânico, mas sim que esse gesto deixe rasto em cada um de nós. Por isso decidimos reabrir as inscrições até meio de Março, dando a todos os que ainda não o fizeram a oportunidade de se inscreverem.

Este mês é o quinto aniversário da morte de D. Giussani e o vigésimo oitavo do reconhecimento pontifício da Fraternidade de Comunhão e Libertação. As missas que serão

celebradas em todo o mundo são antes de mais um grande agradecimento a Deus pela vida de D. Giussani, e também porque esta realidade que dele nasceu existe ainda, está viva e levamos a identificar-nos cada vez mais com o seu carisma: quanto mais o tempo passa tanto mais nos damos conta de que é a resposta adequada às circunstâncias que estamos a viver. Constatamos com gratidão, passados cinco anos da morte de D. Giussani, que – como dissemos no dia do funeral – seguindo-o, ele torna-se cada vez mais pai, gera-nos cada vez mais. Eu vejo isto quando ando pelo mundo, quando visito as nossas comunidades: é impressionante como ele continua a estar presente e a acompanhar-nos com tudo aquilo que nos deixou e com tudo quanto opera em nós e para nós no presente.

Glória.

*(Tradução não revista pelos intervenientes)*